

Ronda

MATTOS PACHECO

A Entrevista da Semana

Gianfranco de Bosio

GIANFRANCO de Bosio é o diretor-artístico do "Teatro Stabile della Città di Torino", que até segunda-feira estará dando seus magníficos espetáculos no Teatro Municipal. Foi ele o escolhido para a nossa entrevista da semana, contando alguma coisa do teatro italiano, esse teatro rico de tradições que durante séculos vem dando ao mundo obras inesquecíveis. E o Teatro de Turim dá-nos a oportunidade de apreciar essa evolução, através de uma inteligentíssima escolha de repertório, que vai de Plauto à Pirandello — algumas das expressões máximas da dramaturgia peninsular — e daí apresentando modernos valores, ainda pouco conhecidos entre nós. Porém, do elenco visitante muito já se falou em outras ocasiões. Vamos, pois, apresentar rapidamente nosso entrevistado e passar-lhe a palavra.

GIANFRANCO

GIANFRANCO de Bosio nasceu em Verona a 16 de setembro de 1924 (ontem, portanto, ficou um ano mais velho). Sua atividade teatral começa em 1945 quando funda o Teatro da Universidade de Pádua, depois chamado Teatro Ruzzante, montando peças como "As Coéforas", de Esquilo, "I Pettegolezzi delle Donne" e "La Cameriera Brillante", de Goldoni, "La Moscheta", de Angelo Beolco, chamado o Ruzzante daí saindo o nome do grupo). Depois de dirigir muitas outras peças, de Bosio passou-se para o Teatro de Turim na temporada de 1957-58, dirigindo primeiramente "Bertoldo a Corte", de Massimo Durso, peça que iniciou a presente temporada no Municipal. E depois muitas outras. Mas ficamos por aqui e passamos ao relato do que ele nos contou a respeito do teatro italiano.

TEATRO ITALIANO

NA Itália só não frequenta teatro quem não quer. Vários elencos abrem assinaturas anuais fora da assinatura, (130 cruzeiros) por espetáculo, dando uma média de cinco peças por ano (como é o caso do

elenco que nos visita). Os estudantes pagam apenas 300 libras, mas, fora da assinatura, cada ingresso custaria 1.200 libras. As companhias profissionais, entretanto, chegam a cobrar até 2.000 libras (700 cruzeiros). Há uma lei que beneficia todas as atividades teatrais, que, para efeito de ajudas e prêmios, são divididas em duas categorias: as que não têm fim comercial e por isso são subvencionadas pelos governos municipal e central (Roma) e as particulares, estimuladas com diversos prêmios, inclusive um de 10% sobre a renda bruta do melhor espetáculo. Os impostos, no entanto, são pesados tanto para profissionais como para independentes: 20% da renda bruta quando o autor é italiano e 30% quando estrangeiro. Os autores ganham para si 8% da renda.

BRASIL NÃO PROPAGA SEU TEATRO

DRATICAMENTE, cada cidade italiana tem um teatro, muitos deles antiquíssimos, como o Teatro Grego de Siracusa, construído 400 anos a.C., com 30 mil lugares e uma acústica miraculosa, sendo até hoje aproveitado. Vittorio Gassman encenou lá, há dois meses, com seu teatro-circo, a trilogia "Orestia". Não é possível apontar determinada cidade como o principal centro teatral italiano, já que umas dez ou doze disputam essa primazia, cada uma com seus estilos tradicionais de espetáculo, muitos exclusivamente em dialetos. Por fim, Gianfranco disse que os italianos — e o Teatro de Turim principalmente — estão empenhados em fazer um teatro "total", com grandes encenações combinando danças, cantos e malabarismos, no estilo de Brecht e de "Gimba". Aliás, a peça do jovem Guarnieri é a única coisa que os italianos conhecem do teatro brasileiro. O pouco que sabem devem a informações remetidas por Adolfo Celi e Alberto D'Aversa, diretores italianos trabalhando no Brasil. — A.C.